CHARLIE DONLEA

Autor do best-seller **A GAROTA DO LAGO**

Para entender o presente é preciso ouvir o passado.

PROCURE NAS CINZAS

FARO EDITORIAL

CHARLIE DONLEA

PROCURE NAS CINZAS

Tradução: Carlos Szlak

FARO EDITORIAL

Copyright © 2021 by Charlie Donlea
First Published by Kensington Publishing Corp.
Translation rights arranged by Sandra Bruna Agencia Literaria, SL
All rights reserved

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **ARIADNE MARTINS**

Revisão **BÁRBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa **HECKMANNOLEG | ISTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Donlea, Charlie
Procure nas cinzas / Charlie Donlea ; tradução de Carlos Szlak. — São Paulo : Faro Editorial, 2021.
352 p.

Título original: Twenty years later
ISBN 978-65-5957-028-7

1. Ficção norte-americana I. Título II. Szlak, Carlos

21-2674 CDD-813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana 813.6

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2021
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

Montanhas Catskill
15 de julho de 2001
Dois meses antes do Onze de Setembro

A MORTE ESTAVA NO AR.

Ele sentiu seu cheiro assim que passou por baixo da fita amarela que isolava a cena do crime e pisou no gramado da frente da suntuosa propriedade. As montanhas Catskill se erguiam acima do perfil do telhado, ao mesmo tempo que o sol do amanhecer estendia as sombras das árvores no jardim. A brisa soprava por cima dos muros e trazia o odor da putrefação, fazendo seu lábio superior se contrair ao alcançar as narinas. O cheiro da morte o encheu de excitação. Ele esperava que fosse porque era seu primeiro caso como detetive do Departamento de Homicídios, e não devido a algum fetiche perverso que nunca soube que possuía.

Um policial fardado o conduziu pelo gramado até os fundos do imóvel. Ali, ele encontrou a origem do odor desagradável. A vítima estava pendurada nua em uma varanda do segundo andar, com os pés suspensos na altura dos olhos de quem observava e com uma corda branca em volta do pescoço, inclinando a cabeça como um pirulito com o palito quebrado. O detetive olhou para a varanda. A corda estava estendida sobre o parapeito, esticada e desafiada pelo peso do corpo, desaparecendo pelas portas de correr que levavam, ele presumiu, para o interior do aposento.

Provavelmente, a vítima havia girado um bom tempo durante a noite, o detetive imaginou, e naquele momento infelizmente estava imóvel em uma posição encarando a casa. Infelizmente porque, enquanto o detetive caminhava pelo gramado dos fundos, a primeira coisa que viu foi o traseiro nu do homem. Ao se aproximar do corpo, notou vergões na nádega

direita e na parte superior da coxa direita. As contusões refulgiam um lilás pálido em comparação com o azul da lividez cadavérica da pele do morto.

O detetive enfiou a mão no bolso interno do paletó, tirou um par de luvas de látex e as colocou. A rigidez cadavérica tinha inflado o corpo do homem, deixando-o a ponto de explodir. Os membros pareciam recheados de massa. As mãos da vítima estavam amarradas por trás das costas com uma corda, impedindo que os braços inchados e enrijecidos se estendessem para fora do tronco. Corte essa corda, o detetive imaginou, e esse sujeito se desdobraria como um espantalho.

Ele acenou para o fotógrafo da cena do crime, que esperava na margem do gramado.

— Vá em frente.

— Sim, senhor — o fotógrafo respondeu.

A unidade de investigação criminal já tinha passado pela propriedade, tirando fotos e gravando vídeos para registrar tudo na cena do crime como evidência *anterior*. A segunda vez seria depois que o detetive desse sua primeira olhada. O fotógrafo ergueu a câmera e espiou pelo visor.

— Então, qual é a ideia inicial nesse caso? — o fotógrafo perguntou, tirando uma sequência de fotos com o obturador da câmera estalando repetidas vezes. — Alguém amarrou esse cara e o jogou da varanda?

O detetive olhou para o segundo andar.

— Talvez. Ou ele se amarrou e pulou.

Com expressão interrogativa, o fotógrafo parou com os cliques e lentamente afastou o rosto da câmera.

— Acontece mais do que você imagina — o detetive afirmou. — Assim, se a pessoa tiver dúvida, não pode se salvar — ele prosseguiu e apontou para o rosto do morto. — Tire algumas fotos da mordaça na boca dele.

O fotógrafo semicerrou os olhos, aproximou-se do corpo e olhou para a boca do defunto.

— É uma mordaça com bola, não é? Do tipo que usam em sexo sadomasoquista?

— Com certeza anda de mãos dadas com as marcas de chicote na bunda dele. Vou subir para ver o que está segurando esse sujeito.

Além das luvas de látex que cobriam as mãos do detetive, protetores descartáveis naquele momento envolviam seus sapatos. Ao chegar ao quarto, as portas da varanda, abertas para o interior do aposento, permitiram que ele sentisse a rajada da mesma brisa que antes encheu suas narinas com o cheiro da morte. O odor acre era menos perceptível ali, um andar mais alto do que onde a morte pairava no ar matinal. Ele ficou parado junto à porta e olhou ao redor. Sem dúvida, era a suíte principal. Os tetos abobadados tinham seis metros de altura. No meio do dormitório, havia uma cama king-size ladeada por mesas de cabeceira. Uma cômoda estava encostada na parede oposta, com seu espelho refletindo a imagem do detetive. Através das portas abertas da varanda, ele viu a corda branca se curvando para cima, passando sobre o parapeito e seguindo na altura da cintura pelo dormitório até o *closet*.

Ele entrou na suíte e seguiu a corda. O *closet* não tinha porta, apenas uma entrada em arco. Ao chegar ali, viu um espaçoso armário aberto cheio de roupas impecavelmente organizadas, penduradas em um grande número de cabides. Os sapatos ocupavam os numerosos cubículos que cobriam a parede do fundo. Entre os cubículos, havia um cofre preto com cerca de um metro e meio de altura, provavelmente pesando cerca de uma tonelada. A ponta da corda estava amarrada em um dos pés do cofre. A outra ponta estava presa no pescoço do homem, e se ele pulou da varanda ou foi empurrado, o cofre tinha cumprido sua missão. Os quatro pés apoiados no tapete sem marcas de depressão adjacentes sugeriam que o peso do homem não tinha deslocado o cofre nem um centímetro.

Uma faca grande de cozinha estava no chão ao lado do cofre. A luz do sol penetrava pelas portas da varanda e alcançava o *closet*, projetando a sombra do detetive no chão e na parede do fundo. Ele tirou uma lanterna do bolso e iluminou o tapete, focalizando as pequenas fibras ao lado da faca. Agachou-se e as examinou sob o feixe intenso de sua lanterna. Aparentavam ser fragmentos de náilon esfiapado resultantes do corte da corda. Nas fibras do tapete, havia uma pequena poça de sangue. Algumas gotas também haviam caído no cabo da faca. O detetive colocou uma placa de evidência amarela em forma de triângulo sobre o sangue e as fibras, e outra ao lado da faca.

Ele se virou e saiu do *closet*, notando uma taça de vinho quase vazia em uma das mesas de cabeceira. Sem tocar na taça colocou ao lado dela outra placa de evidência. Havia uma mancha de batom na borda. Saltando por cima da corda esticada, passou pela cômoda com espelho e entrou no banheiro. Olhou em volta e não viu nada fora do lugar. Em minutos, os peritos estariam ali com luminol e luzes negras. Naquele momento, o detetive estava interessado na primeira impressão do lugar. A tampa do vaso sanitário se encontrava aberta e o assento estava abaixado e seco. Ele notou que a cor da água do vaso sanitário estava amarela e sentiu um cheiro forte de urina. Alguém tinha usado o vaso sanitário, mas não deu a descarga. Um pedaço de papel higiênico flutuava na água. Ele colocou outra placa de evidência junto ao vaso sanitário.

O detetive saiu do banheiro e mais uma vez examinou o dormitório. Seguiu a corda até a varanda e olhou para o homem morto pendurado na outra extremidade. Ao longe, as montanhas Catskill estavam encobertas pela névoa do amanhecer. Aquela era a casa de um homem muito rico, e o detetive fora escolhido a dedo para descobrir o que tinha acontecido com ele. Em questão de minutos, ele havia identificado indícios de sangue, impressões digitais em uma taça de vinho e uma amostra de urina que provavelmente pertencia ao assassino.

Naquela altura, ele não fazia ideia de que tudo aquilo corresponderia a uma mulher chamada Victoria Ford. E o detetive não poderia ter previsto que, em apenas dois meses, no exato momento em que ele tinha todas as provas organizadas e uma condenação quase certa, dois aviões — o voo 11 da American Airlines e o voo 175 da United Airlines — atingiriam as Torres Gêmeas do World Trade Center. Em uma manhã ensolarada e de céu azul, três mil homens e mulheres morreriam, e o caso do detetive viraria fumaça.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA

FiqueSabendo

Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.
FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2021